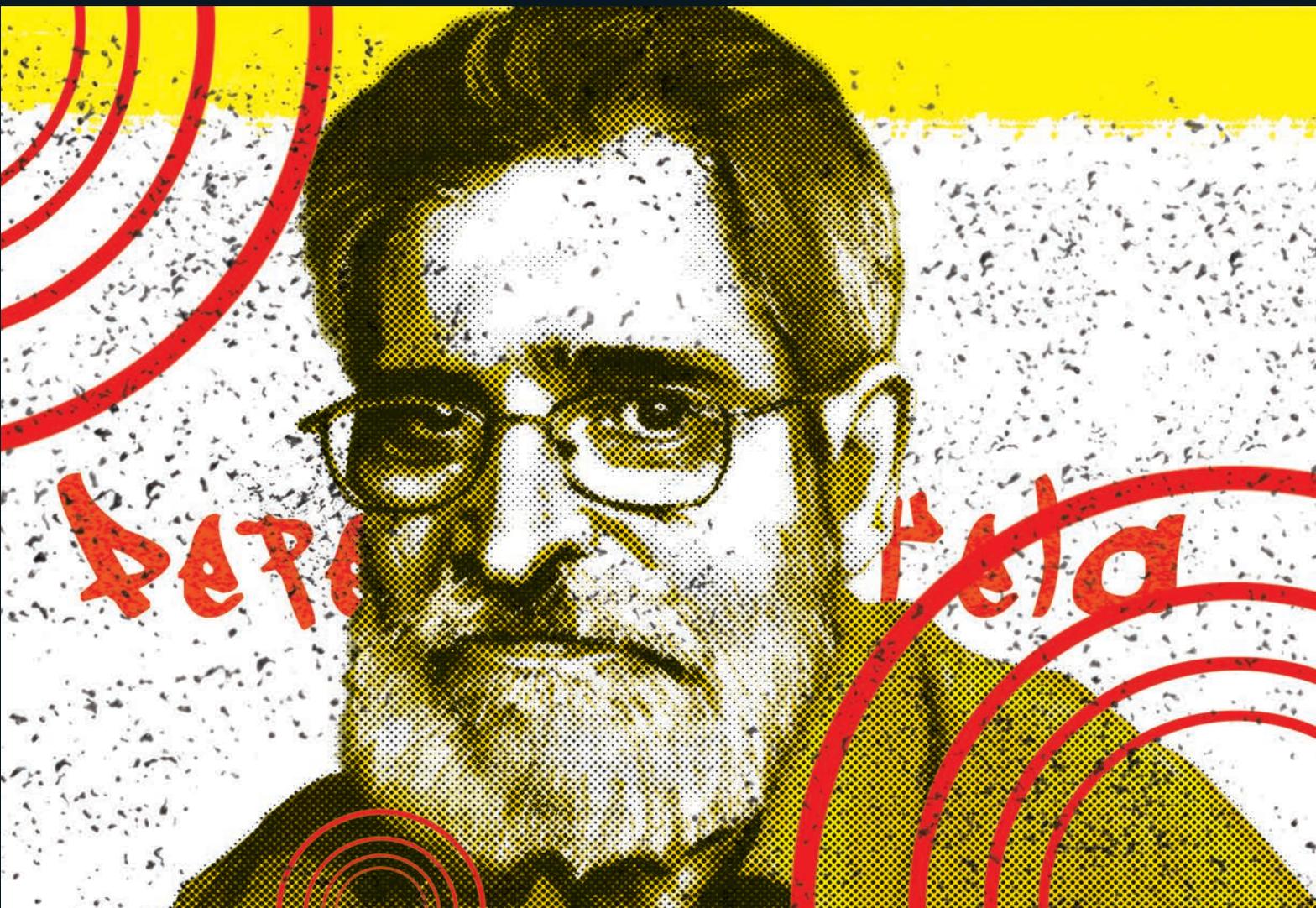


ligado_na_obra

<Mayombe>
@Pepetela





Wagner de Souza

Caro(a) estudante,

A literatura é a arte da palavra. Por meio dela, podemos conhecer histórias, personagens e épocas fascinantes. Cada romance, conto, poema ou peça de teatro, por exemplo, é capaz de nos transportar para realidades e situações que jamais imaginamos.

A coleção #ligado_na_obra foi criada para aproximar você dos grandes clássicos da literatura. Em cada volume apresentamos um percurso que possibilitará conhecer as características de obras literárias que influenciaram nossa cultura.

Além disso, você terá à sua disposição questões especialmente selecionadas que serão grandes aliadas na sua preparação para os principais vestibulares do país.

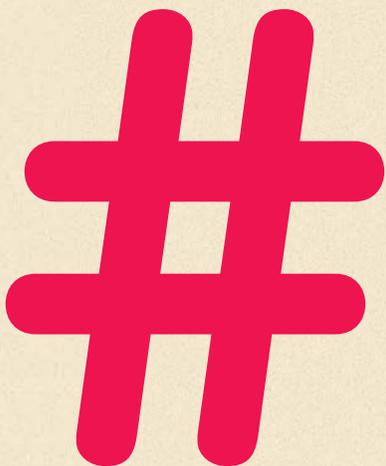
Aproveite esse material ao máximo, mas não se esqueça: nenhuma análise de obra literária poderá substituir a leitura integral e atenta do original!

Bons estudos!

ligado_na_obra

<Mayombe>

@Pepetela



Todos os direitos reservados à
EDITORA FTD
Matriz: Rua Rui Barbosa, 156 – Bela Vista – São Paulo – SP
CEP: 01326-010 – Tel.: (0-XX-11) 3598-6000 – Fax: (0-XX-11) 3598-6463
Caixa Postal: 65149 – CEP da Caixa Postal: 01390-970
Site: www.ftdse.com.br
Atendimento ao cliente: 0800-729-3232 – atendimento@ftdse.com.br
Ano de publicação: 2017

Impresso no Parque Gráfico da Editora FTD
Avenida Antonio Bardella, 300
Tel.: (0-XX-11) 3545-8600 – Fax: (0-XX-11) 2412-5375
CEP: 07220-020 – Guarulhos – SP

Diretor Editorial

Lauri Cericato

Gerente Editorial

Sandra Carla Ferreira de Castro

Elaboradora de Original

Adriana Túlio

Editor

Júlio César D. da Silva Ibrahim

Colaboradora

Ana Araújo

Gerente de Produção Editorial

Mariana Milani

Coordenadora de Produção Editorial

Luzia Estevão Garcia

Coordenadora de Preparação e Revisão

Lilian Semenichin

Supervisora de Preparação e Revisão

Adriana Soares de Souza

Preparação e Revisão

Equipe FTD

Coordenador de Iconografia e Licenciamento de Textos

Expedito Arantes

Supervisora de Iconografia e Licenciamento de Textos

Elaine Bueno

Pesquisa

Gabriela Araújo

Crédito de Imagem da Capa

Wagner de Souza

Coordenadora de Ilustrações e Cartografia

Marcia Berne

Gerente de Arte

Ricardo Borges

Coordenadora de Arte

Daniela Máximo

Supervisora de Arte

Flávia Yamamoto Boni

Projeto Gráfico e Capa

Flávia Yamamoto Boni

Editor de Arte

Carlos Ferreira

Diagramação

Wendel Freitas

Diretor de Operações e Produção Gráfica

Reginaldo Soares Damasceno

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

FTD sistema de ensino: # ligado_ na_obra. --
São Paulo: FTD, 2017.

ISBN 978-85-96-00754-2

1. Literatura [Ensino médio].

16-07587

CDD-807

Índices para catálogo sistemático:

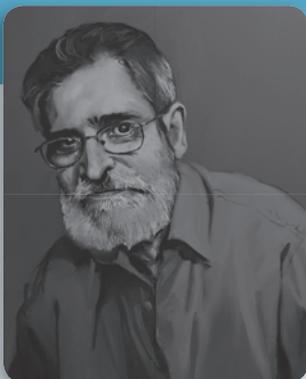
1. Literatura : Ensino médio 807

Envidamos nossos melhores esforços para localizar e indicar adequadamente os créditos dos textos e imagens presentes nesta obra didática. No entanto, colocamo-nos à disposição para avaliação de eventuais irregularidades ou omissões de crédito e consequente correção nas próximas edições.

As imagens e os textos constantes nesta obra que, eventualmente, reproduzam algum tipo de material de publicidade ou propaganda, ou a ele façam alusão, são aplicados para fins didáticos e não representam recomendação ou incentivo ao consumo.

Arthur Maurício Pestana dos Santos

Wagner de Souza



@Pepetela Angola (1941-)

Escritor, sociólogo e militante

É um escritor e intelectual angolano, que participou ativamente do processo de independência de Angola do domínio colonial português. Ganhador do Prêmio Camões, em 1997, é um dos escritores africanos de língua portuguesa mais conhecidos ao redor do mundo, escrevendo Romances, peças e crônicas.

Movimento

Romance angolano

Influências

Machado de Assis, Baltasar Van Dum, Agostinho Neto

Influenciados

Ondjaki, Manuel Rui

Histórico

Arthur Maurício Pestana dos Santos, ou Pepetela, nasceu em Benguela (Angola), em 1941, seus pais eram angolanos mas de família colonial, com descendência portuguesa. Em 1958, foi estudar em Lisboa, onde se afiliou ao movimento estudantil da Casa dos Estudantes do Império. Por razões políticas, teve de se exilar em Paris, de onde seguiu para a Argélia. Lá, graduou-se em Sociologia, curso em que atualmente leciona, na Universidade de Luanda.

Ainda na Argélia, aproximou-se do MPLA (Movimento pela Libertação de Angola) e, em 1968, engajou-se na luta armada como guerrilheiro. Com a independência em 1975, Pepetela atuou como vice-ministro da Educação entre 1975 e 1982 no primeiro governo independente de Angola, liderado pelo presidente Agostinho Neto.

Depois de sete anos atuando no governo angolano, saiu para dedicar-se à escrita de Romances, peças teatrais e contos. Percebe-se que sua vida enquanto militante e guerrilheiro influenciaram muito seus primeiros livros, as últimas obras, contudo, já apresentam uma visão mais crítica do atual modo de vida no país e da frustração com o processo revolucionário em Angola e dos flagelos deixados pela Guerra civil.

Atualmente, reside em Lisboa (Portugal), mas ainda faz parte da União dos Escritores Angolanos e da Associação Cultural e Recreativa Chá de Caxinde, auxiliando no lançamento e divulgação de novos escritores e livros de literaturas africanas de língua portuguesa ao redor do mundo.

Mais informações

O autor é membro-fundador da União dos Escritores Angolanos e ganhou diversos prêmios literários, dentre eles o Prêmio Nacional Angolano de Literatura, de 1980, e o Prêmio Camões, de 1997, pelo conjunto da sua obra, por um acordo entre Brasil e Portugal.

Principais obras

As aventuras de Ngunga (1972)

Mayombe (1980)

Geração da utopia (1992)

A gloriosa família (1997)

O planalto e a estepe (2009)

#A_obra

Mayombe

Movimento: Romance angolano

<Resumo>

Mayombe, livro escrito por Pepetela durante os anos de 1970, mas publicado apenas na década de 1980, apresenta uma parcela da guerrilha do Movimento Popular de Libertação da Angola (MPLA) na selva africana e as tensões políticas e pessoais do período, percorrendo desde questões amorosas e subjetivas das personagens até o plano mais amplo da realidade socioeconômica e histórica do período da luta pela emancipação do colonialismo português, bem como os conflitos entre as diversas etnias presentes em Angola. O começo da obra descreve a floresta Mayombe, cortada pelo rio Lombe. No total, o grupo era de 16 guerrilheiros, sendo 3 do Comando (o Comandante Sem Medo, o Comissário Político e o Chefe das Operações). Destaca-se a personagem Teoria, o professor do grupo, que narra suas dificuldades por ser mestiço (filho de português com angolana).

À época, os portugueses (colonos) exploravam madeira no Mayombe, e o Comandante e o Comissário conversam sobre uma ação militar e política que impedisse essa exploração, num cenário onde o povo temia os guerrilheiros, pela propaganda negativa feita pelos portugueses, e acabavam se aliando aos portugueses contra o movimento revolucionário, o MPLA. Milagre se posiciona na situação, falando da morte de seu pai e de outros, cujas cabeças foram cortadas por tratores em sua região. A ação fora, portanto, um sucesso, mas houve prisioneiros e o Comissário fala com eles no sentido de politizar o povo e ganhar sua confiança. Em discurso simples, explica o que é “mais-valia”, fala da exploração colonialista e diz que, quando forem soltos, os trabalhadores levarão de volta tudo o que lhes foi confiscado (machados, catanas, canivetes, relógios, dinheiro); os guerrilheiros ficarão apenas com o que é do branco, no caso, a serra.

Sem Medo observava o grupo dividido: os kimbundos com o Chefe das Operações e os kikongos, umbundos, destribilizados – Muatiânvua (pai umbundo + mãe quimbundo). Mundo Novo, embora kimbundo de origem, com a vivência na Europa e a intelectualidade adquirida lá, acabou se livrando do caráter tribalista.

Ocorre o roubo dos cem escudos, dinheiro que o mecânico preso entregou para um guerrilheiro e que seria devolvido em objetos. Os prisioneiros acabam sendo liberados mesmo sem o dinheiro ter sido encontrado, o que causa revolta no Comissário, porque colocaria a perder toda sua ação política. Então, ele começa a revistar seus homens. Sem Medo vê Ingratidão do Tuga tentando enterrar o dinheiro. Passa-se então um primeiro momento de julgamento coletivo, para que o Comando finalize a sentença.

Novamente, tribalismo explícito, tanto em grupo como no Comando: Ingratidão é kimbundo e a maioria dos rapazes também, inclusive o Chefe das Operações e o Comissário. Na cartilha do MPLA, porém, determina-se que a traição seja punida com fuzilamento. Sem Medo, porém, pondera: Ingratidão tinha dez anos de movimento e conhecia a corrupção que vinha como exemplo dos próprios quadros de liderança. Ainda assim, como fuzilar alguém que servia ao MPLA por tanto tempo? Decidiram, então, que ele ficasse preso por seis meses. Sobre o dinheiro, para o Comissário era premente devolvê-lo, para garantir o laço de confiança que se estabelecera com o povo. Já o restante do Comando é contra, por conta do perigo; mesmo assim o Comissário insiste. Sem Medo acaba aceitando, com a condição de que façam escolta ao grupo do Comissário. Foram à aldeia e, no meio do caminho, ficaram à espera dos trabalhadores que seguiam para a lavra. Ao verem o mecânico que fora roubado, Lutamos chamou-o. Este se assustou, mas mesmo assim foi ao encontro do guerrilheiro.

O Comissário tentou devolver-lhe o dinheiro, mas o trabalhador doou-o ao MPLA. Ao ser inquirido sobre a ação, falou dos mortos e dos inquéritos submetidos pelos portugueses àqueles que foram feitos prisioneiros pelos guerrilheiros, e acrescentou que um oficial da PIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado – polícia política portuguesa) estava instalado na aldeia. Sem Medo riu ao saber que o Comissário voltara com o dinheiro, mesmo concordando que era o certo a fazer.

Sem Medo e o Comissário discutem, e ao ser chamado de “sentimental” pelo Comissário e acusado de ser incapaz de fuzilar um traidor, Sem Medo narra a situação em que ele próprio, para dar exemplo ao grupo, matou um traidor com um punhal (tropas colonizadoras estavam perto, não podiam ouvir som de tiro).



O segundo capítulo começa, por sua vez, apresentando **Mayombe** com linguagem grandiosa e subverte o mito de Prometeu, colocando Zeus a seus pés e trazendo o orixá Ogum ao cenário, o “Prometeu africano”. Novos guerreiros chegam à Base, formando um efetivo que passa de 30 homens. Todos muito jovens, sem treinamento nem formação. O problema é que não há envio de comida.

Um desses rapazes é parente de Sem Medo e, de início, o Comandante já mostra que não haverá nenhum favorecimento por isso. Na cerimônia de “batismo”, recebe o nome de Vewê [cágado, referente ao fusca].

O Comando decide que o Comissário vá a Dolisie levar Ingratidão para ser preso e solicitar comida, outro enfermeiro, bem como resolver outros problemas com André, o responsável. Em todas as decisões, é nítida a raiva/inveja que o Chefe das Operações tem do Comissário, relativo à sua ambição de poder.

Mundo Novo e Lutamos discutem pela necessidade de escolarização. Apenas quando Sem Medo entra na conversa, a questão parece ganhar importância, porque ele mostra que o indivíduo escolarizado, intelectualizado é realmente livre, não dominado pelo outro.

André foge do Comissário em Dolisie usando propina, tornando-se o exemplo de corrupção no poder. Em Dolisie, o Comissário encontra sua noiva, Ondina. Professora formada no Liceu, em Luanda, tem mais estudos e mais vivência do que ele, que nunca namorou e só se envolvia com prostitutas. Ela cobra dele presença, enquanto ele se sente dividido entre o amor que sente por ela e a causa do Movimento. O relacionamento físico entre os dois é frio e ele já havia comentado isso com Sem Medo; este acaba se lembrando de uma situação em que ela se oferecera a ele, antes ainda de ambos conhecerem o Comissário, sem nada acontecer.

Vewê faz uma aposta com outros guerrilheiros de que adentraria à casa do Comando e se sentaria na cama de Sem Medo. Em princípio, o Comandante fica contente, pois o rapaz parecia temê-lo o tempo todo. Quando o via, recebia com meio sorriso, olhava-o de soslaio pela janela, e sua fúria se desencadeou: ele acaba enxotando o rapaz e cria uma discussão com o Comissário, que o repreende sobre a forma como ele tratou o guerrilheiro. Com isso, explode a questão tribal. O Comando sabe que os guerrilheiros desejam exatamente isso, confirmado para Muatiânvua e Lutamos, e são chamados por Sem Medo para saírem com ele em patrulha exatamente por serem destribilizados e, na medida do possível, imparciais. Depois de muito caminharem, conversam sobre o que está acontecendo na Base. Os dois guerrilheiros são honestos e falam, sem dar nomes, que grande parte dos companheiros torce pela divisão do Comando por motivos tribais e pela destituição de André.

O Comissário pede para conversar com Sem Medo sobre o ocorrido às claras, para ser exemplo aos outros, enquanto Muatiânvua e Ekuikui, fiéis ao Comando e ao Movimento, fazem guarda. Como os suprimentos prometidos por André não chegaram, Sem Medo determina que o Comissário vá a Dolisie resolver o problema.

O terceiro capítulo é perpassado pela fome, que começa a descontrolar os nervos dos guerrilheiros. Mal há comunas (castanhas) para todos. Sem Medo orienta o Comissário a abrandar as punições, para evitar levantes e/ou deserções. O chefe das Operações chega de Dolisie com suprimentos. Estoura o caso “Ondina”, que foi pega fazendo sexo com André, e este desaparece. O Comissário fica sabendo do ocorrido por uma carta escrita por ela, e decide encontrá-la. Porém, cego pelo ciúme, segue sem cuidados, e Sem Medo o impede. Resolvem ir juntos no dia seguinte. Vão ao Lombe conversar. Sem Medo conta ao Comissário o seu segredo: a história de Leli, as disputas, as traições, até quando esta foi assassinada pela UPA [União dos Povos de Angola] por ser mestiça. Confronta amor e paixão, diz que seu nome de guerra era Esfinge até o chamarem de Sem Medo, quando resistiu sozinho a um grupo de tugas.

No dia seguinte, a caminho de Dolisie, o Comissário vai à escola ver Ondina e Sem Medo vai procurar André, e não o encontra. É quando chega o Dirigente com André preso. Havia muitas acusações contra ele. Fica preso à espera da partida do Dirigente, que o levará para a prisão.

O Dirigente e Sem Medo conversam sobre a reestruturação da liderança: Sem Medo iria abrir novas frentes no leste (o que o agrada), o Comissário tornar-se-ia Comandante da Base e Mundo Novo, responsável em Dolisie.

A conversa entre o Comissário e Ondina é pesada. Ele quer detalhes do encontro dela com André e diz que a aceita mesmo com a traição. Finda a conversa, acaba forçando o sexo com ela. Ao chegar à casa dos responsáveis, diz a Sem Medo que ela aceitara ficar com ele.

Ondina é transferida para o *bureau* até seu caso ser resolvido. Ingratidão foge e Sem Medo, que assume Dolisie interinamente até as mudanças se tornarem oficiais, deve resolver isso. Na cadeia, percebe que ele foi solto por alguém por questões tribais. Decide prender os dois guardas responsáveis por Ingratidão até que aquele que o soltou se entregue ou seja delatado.

Ao voltar para o *bureau*, o Comandante encontra o Comissário nervoso por ter sido rejeitado por Ondina. Ele pede que Sem Medo intervenha. O amigo vai ter com a moça. Perante as negativas, volta. E tem uma séria discussão com o Comissário, que o acusa de homossexual e outros impropérios. Sem Medo dá-lhe uma bofetada. Ele jura vingança. Sem Medo vai para o bar e o Comissário tem um acesso no quarto de Ondina. Um velho militante do MPLA avisa Sem Medo de que os tugas montaram acampamento em Pau Caído.

O quarto capítulo começa com Sem Medo contando à Ondina sobre seu amigo libertino: total liberdade de pensamento e ação em relação ao sexo. A convivência do Comandante com a moça vai se estreitando e começam a ter um caso. Porém, quando ocorre o problema na Base, Ondina, que negava sentir algo pelo Comissário, desespera-se, pedindo que Sem Medo o proteja.

Vewê chega desesperado a Dolisie para avisar que a Base fora invadida. Ouvira uma rajada e a ordem de proteger os homens. Acompanhado do guarda, corre até a cidade [o percurso era longo, oito horas caminhando].

Sem Medo vai até o Chefe do Depósito e convoca os guerrilheiros locais, bem como solicita a ele que chame combatentes afastados, pioneiros e a população civil. Fica feliz com o efetivo que consegue e com a participação popular. As coisas estavam mudando.

Seguem para a Base, o jipe cheio de munição e o caminhão com o restante do efetivo. Parte do percurso precisa ser feito a pé. O Comandante sabe que os tucas estão instalados em Pau Caído, uma Base abandonada de onde devem ter acessado a Base atual.

Sem Medo encontra o Chefe das Operações no lugar indicado por Vewê, e os dois do Comando montam a estratégia da ação e dividem-se em dois grupos. O grupo de Sem Medo, por sua vez, subdivide-se em leque. Quando iam invadir a Base, acaba o elemento surpresa: veem um mestiço tomando banho. Este ouviu o barulho e virou-se. Era Teoria.

Vão todos para a Base, vivendo a alegria do alarme falso: Vewê havia escutado a rajada que Teoria dera ao ver uma surucucu e a ordem do Comissário: “apanhem os abrigos”, mas ouviu “apanhem vivos”, o que desencadeou o processo.

O tratamento do Comissário para com o Comandante foi gélido.

O último capítulo, chamado Amoreira, principia com Sem Medo voltando a Dolisie e recebendo o comunicado das mudanças na liderança. Depois disso, convoca Mundo Novo para que planejem a ação em Pau Caído. Contam agora com um efetivo de cinquenta homens. Esquiva-se de Ondina por causa de João, mas acabam fazendo amor.

Com Mundo Novo instalado, volta para a Base a fim de participar da ação contra Pau Caído.





O Comissário mostra-se claramente contrariado. Porém, depois que o Comando define o que cada líder fará, Sem Medo determina que as ordens dadas a seus comandados virão do Comissário, anunciando que será transferido para o leste a fim de abrir novas fontes, e que este já deve habituar-se à posição de Comandante.

O plano era fundamental para levar o povo a confiar no MPLA e na força do movimento. Porém, o Comissário decide, conscientemente ou não, travar uma guerra pessoal com Sem Medo. Mas, ao mostrar bravura, expõe-se de forma tola ao inimigo. Lutamos vai defendê-lo e leva uma rajada na cabeça, caindo morto instantaneamente. Depois Sem Medo também sai em socorro do Comissário e leva uma rajada no ventre. Cai ajoelhado, ordena que o ataque prossiga. Vencedores saem em retirada.

Sem Medo é carregado pelo Comissário e por Muatiânvua. Ekuikui leva o cadáver de Lutamos.

Pangu-Akitina tenta estancar o sangue de Sem Medo sem sucesso; a hemorragia é grande. Mas este ainda diz algumas coisas ao Comissário. Diz ao rapaz que Ondina gosta dele e que ele precisa reconquistá-la; e comemora a adesão do mecânico ao movimento como uma vitória da aproximação do povo à luta do MPLA. Depois morre com um sorriso nos lábios, um último paradoxo de Sem Medo: sorria para a vida ou para a morte?

O Comissário determina que Sem Medo e Lutamos sejam enterrados ali mesmo. Os guerrilheiros cavam uma cova com as mãos, sabendo que aqueles grandes homens se fundiriam com o Mayombe. Muitos choravam. O Chefe das Operações fala que, para salvar um kimbundo (o Comissário), morreram um cabinda (Lutamos) e um kikongo (Sem Medo): que isso ficasse como lição para todos.

O Epílogo, na parte final do livro, é narrado pelo Comissário, que afirma ter sido necessário perder um amigo para amadurecer. Fala de Sem Medo como herói e diz que ambos conheciam a fronteira entre a verdade e a mentira, o que não é alcançado por muitos homens. E, fechando o texto como “herdeiro” de Sem Medo, segue para o leste, para ocupar a posição que seria do Comandante, a fim de abrir uma nova frente de luta pelo MPLA.

#Aspectos_gerais_da_obra

<A linguagem de Mayombe>

Mayombe (1980) é uma obra engajada. Ou seja, por seu compromisso político, pretende trazer uma mensagem que envolva seus leitores em torno de uma causa defendida, no caso, a luta do MPLA (Movimento pela Libertação de Angola) pela unificação de uma Angola ainda com divisões tribais em torno do objetivo de tornar-se nação; portanto, elemento uno, de forma consciente.

Por ser programático, então, o texto não pode apresentar grandes rebuscamentos de linguagem, de forma a atingir o maior número possível de leitores sem ser um livro meramente panfletário e carente de qualidade estética. Nesse sentido, Pepetela escreve um livro de texto claro, tempo cronológico, com ação movimentada (a guerra, que prende o leitor), ao mesmo tempo em que intercala a narrativa onisciente dos fatos, permeada por momentos de discurso indireto livre, com reflexões de narradores-personagens que contam suas angústias, momentos de seu passado, externam suas críticas ao Comando, levantam questões tribais, permitindo ao leitor que se identifiquem com os guerrilheiros como seres humanos, e não como super-homens, figuras passíveis de serem reais.

É preciso atentar ao fato de que essa linguagem “simples” não é “simplória”. A descrição de **Mayombe** é belíssima, as analogias de Sem Medo entre marxismo e religião (ele que se diz ateu exatamente por ter crescido em um seminário) são pertinentes (o que reforçam as ideias de Marx sobre a religião ser o “ópio do povo”, mesmo sem que a personagem verbalize isso).

Em alguns trechos, contudo, as conversas entre as personagens são um tanto inverossímeis, pois são longos textos carregados de conteúdo, em que o Comandante pondera sobre os mais diversos assuntos. Pode-se perceber uma construção racional ‘pinçada’, sociológica e cuidadosa que Pepetela faz de Sem Medo, um herói que, como tal, morre como mártir, não exatamente para o orgulho de Angola, mas para salvar seu amigo, o Comissário Político.

Outro elemento relevante na linguagem da obra é que o alimento majoritário em **Mayombe** são as chamadas **comunas**, que eram, na verdade, castanhas que matabam a fome dos guerrilheiros, que recebem o nome derivado do próprio comunismo por opção do autor de situar essa ideologia no campo concreto da vida dos angolanos, e não apenas no abstrato; ou seja, as comunas eram não só alimento do corpo, mas também alimento do espírito.

<Mayombe e a literatura angolana>

Mayombe (1980), de Pepetela, é uma obra de literatura contemporânea. Reflexo de seu momento, retrata o início da década de 1970 do século XX e a dinâmica das guerrilhas na guerra pela independência de Angola de seu país colonizador, Portugal. Reflexivo e crítico, é um livro programático, ou seja, apresenta o programa do MPLA – Movimento pela Libertação de Angola, as vivências dos guerrilheiros, as expectativas morais e de conduta que o Movimento tinha em relação a eles, a intenção de construir uma Angola una e forte em meio à dissolução tribalista.

Por seu momento histórico e por suas características políticas, a obra traz elementos da narrativa bem construídos (amarração de narradores-personagens – os guerrilheiros, cada qual a seu tempo) sobre a base constituída por um narrador onisciente, construção de personagens com base em suas atitudes e dos olhares dos camaradas – aqui destaca-se a constituição do Comandante Sem Medo, o protagonista –, enredo interessante e bem escrito, mantendo a riqueza literária sendo programático sem ser panfletário.

Vale ressaltar que essas características vão ser perdidas ao longo do tempo na produção literária angolana com o desenrolar das movimentações políticas no país e o abandono da visão de literatura como panfleto e formação política apenas. As gerações literárias seguintes se debruçam tanto sobre os fracassos políticos como sobre temas como o amor, a relação racial e afins.

Embora seja um romance de compromisso, e mesmo sem apresentar grandes inovações na linguagem, visto que, para o objetivo de leitura a que se propõe, ser simples (não simplório) e claro, inovador na apresentação do programa, é uma qualidade, as metáforas com que compõe o cenário de **Mayombe**, as comparações presentes no discurso de Sem Medo, de teor tanto pessoal como político, são primorosas.

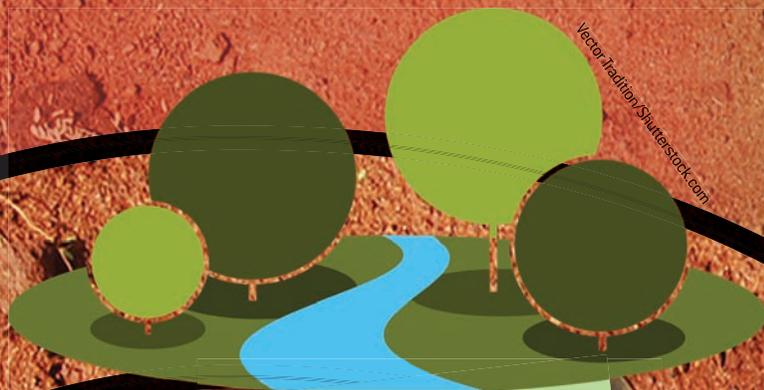
Vale aqui uma observação histórica importante, fundamental na interpretação da obra: a história de **Mayombe** se passa em um momento de luta pela independência do país em relação a Portugal (embora o livro tenha sido publicado em 1980, Pepetela o escreveu em 1971/1972, quando lutava nas guerrilhas pelo MPLA).

O tribalismo é um dos pontos que mais chama a atenção em **Mayombe**, abordado de forma vasta, profunda e contundente na obra. Não só estão presentes no texto a denúncia da existência de um discurso de ódio entre as tribos (que por “alguém” fora naquelas terras imputado) como, também, o fato de que o povo via o guerrilheiro de forma negativa, ou seja, mais uma influência ideológica.

Contexto_histórico



1572



Início da guerrilha em Mayombe.

1482

1482 / 1572
Início do colonialismo português em Angola.

* Guerra Civil Angolana: disputa de poder entre o MPLA e UNITA (que contava com o apoio da FNLA). O conflito durou 27 anos, culminando na vitória do MPLA. O conflito deu-se pelas divergências entre as tendências nacionais pós-independência, por questões tribais internas que foram obrigadas a viver no mesmo território depois do colonialismo português e pela Guerra Fria, pois cada lado do conflito era financiado por uma das potências mundiais.

FNLA Frente Nacional de Libertação de Angola

MPLA Movimento Popular de Libertação de Angola

UNITA União Nacional para a Independência Total de Angola



ONU controla eleições gerais e em 1992 tem-se o 1º governo angolano, encerrando as Guerras Civis do país.

1960

1970

1975

1992

Anos 1960 a 1970

Surgimento dos partidos políticos FNLA e MPLA.

A Unita surge em 1966 para unificar para unificar o FNLA e o MPLA.

Independência de Angola.

Após 1975, com a independência de Angola, os movimentos FNLA e MPLA entram em conflito pelo governo do novo país.*

De 1961 a 1975, Angola esteve em Guerra pela independência de Portugal.



Personagens_de_Mayombe

Descrição

Chefe de Seção, 35 anos. É o protagonista do livro, personagem construído por suas ações e pelo discurso narrativo das outras personagens sobre ele. É kimbundo, embora não veja em si a questão tribalista, mas a segregação dos outros. Conhece profundamente as ideias marxistas, a ponto de discordar com sólidos argumentos de guerrilheiros com grande formação acadêmica, como Mundo Novo, ou autodidatas, como o Comissário Político. Cresceu no Seminário, o que, segundo ele, o fez tornar-se ateu; cursou Economia na Europa. Bravo combatente, temido ou odiado: ninguém lhe era indiferente. Perde a vida em defesa do Comissário Político, na ação final.

Nome

Comandante Sem Medo



Nome

Comissário Político (João)



Descrição

Era o responsável pela politização do grupo e, principalmente, dos civis, desmistificando as ideias apresentadas pelo colonizador de que os guerrilheiros eram perigosos. O combate ao tribalismo era uma de suas principais bandeiras. Tinha 25 anos e estudara praticamente sozinho, sendo ainda muito fiel à doutrina marxista e à cartilha das ações do Comissário. Sua noiva era Ondina, 22 anos, professora em Dolisie, a quem sempre se sentia inferior intelectualmente (ela avançara mais que ele no Liceu, em Luanda) e sexualmente (Ondina tivera outros homens antes dele; ele, apenas poucas prostitutas. Sabia que não a satisfazia.). Era kikongo, o que não influenciava suas discussões generalizantes sobre o tribalismo.

Descrição

Dono de enorme ambição, disputava com o Comissário ascensão no Comando (usava o tribalismo como uma “capa” para esconder sua ambição desmedida), alvejando o próprio Comandante com a questão tribal. Era considerado um bom militar, e o Comandante o mantinha sob observação, sabendo de suas qualidades e defeitos. Ao longo da história, passa a admirar Sem Medo e a respeitá-lo não apenas como Comandante, mas também por suas posturas e ideias.

Nome

Chefe das Operações



Nome

Theoria



Descrição

O “talvez”, por ser mestiço (pai branco português e mãe negra), é cheio de misticismo e medo; tentando vencer a si mesmo, oferece-se para as missões mais difíceis, acreditando assim evitar ser julgado pelos outros, ainda que estivesse mais avançado intelectualmente (era o professor do grupo). Depois de abrir-se com Sem Medo, que lhe diz que naquele espaço, naquele grupo, não há lugar para preconceito contra mestiçagem, sente-se amparado, tranquilo e mais seguro de si.



Descrição

Cabinda, falava fiote, língua falada pelos nativos de Cabinda, e era conhecedor dos caminhos. Era tratado com desconfiança pelo Chefe das Operações, Milagre e outros, que o consideravam traidor (questões tribais). Era muito bem visto por Sem Medo, e perde a vida em defesa do Comissário Político, na ação final.



Nome

Lutamos



Nome

Verdade

Descrição

Temperamento calmo, sucumbe aos desejos individuais quando desobedece à ordem do Comissário e consegue permissão de André para ficar mais dias em Dolisie, por causa de uma mulher.



Descrição

Intellectual, jovem recém-chegado da Europa, oscila entre a admiração a Sem Medo e a crueza na leitura da cartilha marxista. A crítica de Sem Medo a Mundo Novo é a de que marxismo sem prática não funciona. Mas indica o rapaz para ocupar o lugar de André quando este é destituído, acreditando na diminuição do dogmatismo com a maturidade.

Nome

Novo Mundo



Nome

Milagre

Descrição

De Quibaxe, município da província de Bengo, é Kimbundo e traz fortes traumas de infância (descreve várias imagens de assassinatos, destacando-se o de seu pai). É um dos guerrilheiros mais adeptos da questão tribal, questionando severamente (ainda que de forma interna) as atitudes de Sem Medo.



Descrição

Desenraizado, destribalizado, o mar foi sua passagem para a liberdade pessoal. Era respeitado pelos companheiros por fazer bom uso das palavras nas horas necessárias, argumentando com certeza e estando do lado da razão, não importando de quem fosse. Já fora indicado para muitas promoções, porém algum inimigo feito em discussões verbais sempre atrapalhava sua ascensão. Não se importava: acreditava na luta e era isso que queria fazer.

Nome

Muatiânvua



Nome

Ekuiqui



Descrição

Umbundo, originário de Bié, província da região central de Angola. Era caçador. Leva uma grande bronca de Sem Medo, pois ficara responsável pelos cem escudos, e fora roubado por Ingratidão do Tuga enquanto dormia. Era dos guerrilheiros mais fiéis ao Comandante.

Descrição

Era o enfermeiro do grupo e responsável por auxiliar os companheiros em casos de necessidades médicas.

Nome

Pangu-Akitina



Nome

Ingratidão



Descrição

Roubou os cem escudos do mecânico aprisionado com outros trabalhadores após a ação contra o tráfico de madeira. O dinheiro estava sob a guarda do guerrilheiro Ekuiqui, que foi roubado pelo camarada enquanto dormia. Ingratidão é julgado na Base, com a participação de todos, e a finalização do julgamento se dá com a deliberação do Comando.



Descrição

Guerrilheiro que chegara com o grupo dos novatos, aparentado com Sem Medo, o qual temia que os outros o achassem um privilegiado por conta disso. No caso da surucucu, fora correndo a Dolisie avisar Sem Medo (um caminho que se levava oito horas para fazer caminhando) de que a Base estaria sendo invadida, o qual acabou se orgulhando do rapaz, mesmo com a história se mostrando uma grande confusão.

Nome

Vewê



Nome

Mecânico



Descrição

É um dos prisioneiros da ação feita contra o tráfico de madeira em Mayombe. Acaba engajando-se nas tropas do MPLA quando vê o perigo pelo qual os guerrilheiros passaram para lhe devolverem os cem escudos que haviam sido roubados no acampamento.

Descrição

“Ar de intelectual-aristocrata”, alto, magro, é o responsável pelo Movimento. Vive em Dolisie, cidade mais próxima à Base, é exemplo da corrupção dos altos cargos, citada por Sem Medo quando do caso de Ingratidão. É pego fazendo sexo com Ondina, esposa do Comissário, e seus crimes acabam aparecendo. Um responsável mais importante virá para levá-lo preso.

Nome

André



Nome

Dirigente



Descrição

Esta personagem não tem nome, mas será importante, pois deliberará, junto a Sem Medo, novos rumos para a liderança do Movimento em Dolisie. Com a prisão de André, Sem Medo assume interinamente a região, para a qual indica Mundo Novo; ele, Sem Medo, seria transferido para o leste, a fim de abrir uma nova frente, o que muito o agrada; e o Comissário Político tornar-se-ia o novo Comandante da Base.

Descrição

Era mulher de Teoria. Foi deixada por ele quando ele foi para a guerrilha.

Nome

Manuela

**Nome**

Leli

**Descrição**

Fora mulher de Sem Medo. Extremamente livre, deixa-o por outro homem. Para que ela volte, Sem Medo, que se achava inexperiente (um miúdo, uma criança), sai com outras como se não a quisesse mais. Leli volta a desejá-lo. É o jogo da conquista que ela quer. Mas aí, Sem Medo habituara-se a ficar só. Ao separarem-se, ela afirma ter sido aquela a vingança de Sem Medo, reconquistá-la novamente para abandoná-la. E que a causa disso seria o orgulho dele. O rapaz se engaja na guerrilha e, mesmo assim, a esmo, ela decide procurá-lo. Acaba caindo nas mãos da UPA (União dos Povos de Angola) e assassinada por ser mestiça. Sua imagem assombra o Comandante em todos os momentos.

Descrição

É noiva do Comissário. Professora em Dolisie, formada no Liceu, tem mais estudos e mais vivência do que o Comissário, que nunca namorou e só se envolvia com prostitutas. Ela cobra dele presença, enquanto ele se sente dividido entre o amor que sente por ela e sua causa.

Nome

Ondina



Ilustrações: Alex Rodrigues

<Estrutura narrativa e foco narrativo em Mayombe>

Em **Mayombe**, muitas vozes se põem e sobrepõem. O cenário é Angola, onde se dá a luta pela independência do país em relação ao colonizador, Portugal. O romance engajado, de compromisso, apresenta o programa do MPLA (Movimento pela Libertação de Angola). O ponto de vista, ainda que muitas personagens tenham voz, é sempre o do “guerrilheiro”, espécie de símbolo que se pretende construir, herói nacional que, de uma maneira ou de outra, corrompido, corruptível ou não, luta pela independência de seu país.

A narrativa estrutura-se de forma intrincada (mas não confusa), pois não se tem uma única voz narrativa que domine todo o discurso. Ao lado de um narrador em 3ª pessoa, onisciente, a história compõe-se também de discursos diretos e indiretos livres, e de momentos de discurso em 1ª pessoa. Nestes, as personagens assumem a voz narrativa, expondo seus pontos de vista a partir de suas vivências individuais, sobre o fato e os motivos de estarem na guerrilha, lutando pela construção de uma sociedade livre, igualitária e unificada.

Assim, mesmo considerando a existência de um fio condutor levado pela onisciência, cada personagem se manifesta como sujeito de suas decisões, e não como alvo do que pensa o narrador. Daí o enfraquecimento desse narrador onisciente, o que é uma característica do próprio romance moderno.

Vale destacar que Sem Medo, o protagonista, não tem sua voz colocada como narrador em 1ª pessoa, pois isso se faz em suas longas falas, em discurso direto. Além de ser o Comandante, o herói maior, precisava diferenciar-se dos outros, tanto no conteúdo como na forma do romance.

Enfim, para tratar do tema revolucionário, no qual a singularidade de cada integrante da guerrilha aponta para um objetivo comum e universal, que consiste no fim da sociedade colonial e na construção de uma sociedade nova, uma Angola não mais tribal e sim unificada, a narrativa não poderia ser construída de forma que o narrador dominasse os pensamentos e os destinos de cada personagem, bem como fosse o detentor de uma verdade única. Além disso, pelas características programáticas inerentes ao texto, cabe ao leitor chegar a essa verdade.

Ainda, a escolha da multiplicidade de vozes muitas vezes conflitantes leva a uma democratização da narrativa, sugerindo a mesma democratização proposta pelo MPLA, característica programática de **Mayombe**.

Uma observação: o elemento “tempo”, que costuma acompanhar o foco narrativo, é basicamente cronológico (estamos em uma situação de guerra), porém há que se considerar o tempo da memória, psicológico, nas inserções da maioria das personagens-narradoras.



#Leitura_crítica

Mayombe é um livro, sem dúvida, muito importante na consolidação e reconhecimento da literatura angolana, tanto pela sua capacidade de sintetizar a realidade do período como pelos recursos estéticos empregados pelo escritor. Além disso, é um texto engajado, que apresenta para o leitor a guerrilha do MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola –, bem como as tensões presentes na política do momento, tal como o tribalismo, em oposição ao necessário nacionalismo, em que se possa agregar as características multirraciais e culturais do povo, sem discurso de ódio. Para isso, o autor mobiliza uma série de recursos, desde um discurso cruzado para narrar a história até a descrição grandiosa da floresta e o uso do mito de Prometeu para a realidade africana.

São apresentados, também, os debates do período relativos ao poder e à corrupção, explicitando a busca por uma moral justa, certa e a necessidade de disciplina para exigir isso, condenando os erros, aplicando as penalidades e evitando prejuízos para o movimento.

É uma obra recente requisitada nos vestibulares e demonstra a necessidade, cada vez maior, de se ter um repertório e conhecimento da literatura escrita em língua portuguesa de maneira geral, para além das produções brasileiras e portuguesas apenas.



Obra_e_vestibular

1. Leia as afirmações abaixo e assinale a alternativa correta.

- I. O Comandante Sem Medo era temido e respeitado pela maioria de seus homens. Antes de ter esse nome de guerra, chamava-se Esfinge, por sua impenetrabilidade. Recebeu o nome Sem Medo por ter enfrentado um grupo de portugueses sozinho, impedindo que uma Base guerrilheira fosse invadida.
- II. O tribalismo era um problema tanto para o MPLA como para toda Angola, que muito atrapalhou o processo de unificação do país no período pós-independência (a partir de 1975).
- III. Embora o Comandante fosse um excelente militar, sua formação teórica era falha, o que atrapalhava a ação de personagens politizados, como o Comissário Político e Mundo Novo.

- a) I e II.
- b) II e III.
- c) I e III.
- d) Todas as alternativas estão corretas.
- e) Nenhuma das alternativas está correta.

2. Em dado momento do livro **Mayombe**, Sem Medo diz:

[...] Tu, Lutamos, és um burro! [...] As pessoas devem estudar, porque é a única maneira de poderem pensar sobre tudo com a sua cabeça e não com a cabeça dos outros. [...]

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo, Ática, 1982. p. 79.

Em relação à afirmativa, pode-se dizer que, para a personagem, o ato de estudar está relacionado:

- a) à autonomia dos indivíduos cientes.
- b) ao poder que as pessoas passam a ter.
- c) à criticidade que se desenvolve com o estudo.
- d) à percepção mais aguçada da realidade.
- e) à vivacidade do ato educativo.

3. Para responder à questão a seguir, considere o fragmento:

[...] Qual é a minha língua, eu que não dizia uma frase sem empregar palavras de línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para ser compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa? [...]

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo, Ática, 1982. p. 133.

Pode-se afirmar, após a leitura, que:

- a) Muatiânvua questiona-se sobre o início da língua portuguesa em Portugal. Neste trecho, pode-se ler uma piada em relação à colonização.
- b) O guerrilheiro-marinheiro, por tanto viajar e conhecer tantas regiões, agoniza-se por não conseguir expressar-se completamente em nenhum idioma africano, apenas em português.
- c) A personagem, em aparente trauma de guerra, demonstra confusão mental ao tentar definir a própria língua, percebendo que mistura palavras e idiomas ao comunicar-se.
- d) Embora o MPLA desejasse a total libertação de Angola, 500 anos sob o jugo do colonizador mostram, na voz de Muatiânvua, que é impossível que a libertação aconteça.
- e) A personagem faz uma crítica ao tribalismo e, de forma irônica, demonstra que, de maneira a todos se comunicarem efetivamente, a língua usada ainda é a do colonizador.

4. Observe atentamente o fragmento a seguir e assinale a única alternativa correta.

[...] Os intelectuais têm a mania de que somos nós, os camponeses, os tribalistas. Mas eles também o são. O problema é que há tribalismo e tribalismo. Há o tribalismo justo, por que se defende a tribo que merece. E há tribalismo injusto, quando se quer impor a tribo que não merece ter direitos. Foi o que Lenine quis dizer, quando falava de guerras justas e injustas. É preciso sempre distinguir entre o tribalismo justo e o tribalismo injusto, e não falar à toa. [...]*

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo, Ática, 1982. p. 47-48.

- b) O herói épico pode ser tanto coletivo como individual. Como isso se dá em **Mayombe**? Justifique sua resposta.

- c) Explique a ligação entre os nomes das personagens e os conceitos de coletivo e individual.

Os textos e os comentários a seguir servem de base às questões 7 e 8.

TEXTO I

— “Onde eu nasci, havia homens de todas as línguas” (p. 132)

[...]

— “As mulheres que eu amei eram de todas as tribos,”

— “Querem hoje que eu seja tribalista! (...) De que tribo, se eu sou de todas as tribos, não só de Angola, como de África? (...) Qual é a minha língua, eu que não dizia uma frase sem empregar palavras de línguas diferentes? E agora, que utilizo para falar com os camaradas, para ser compreendido? O português. A que tribo angolana pertence a língua portuguesa?”

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo, Ática, 1982. p. 132-133.

TEXTO II

“Trago em mim o inconciliável e este é o meu motor. Num universo de sim ou não, branco ou negro, eu represento o talvez. Talvez é não para quem quer ouvir sim e significa sim para quem espera ouvir não.”

PEPETELA. **Mayombe**. São Paulo, Ática, 1982. p. 7.

7. Os fragmentos citados no Texto I e no Texto II falam sobre tribalismo, mestiçagem e igualdade. Refletindo sobre como esses conceitos são explorados na obra e em seu contexto histórico, pode-se afirmar que Muatiãnvua se vê como dentro do conceito do tribalismo? E Teoria?

8. Teoria se apresenta como o “talvez”, advérbio de dúvida. Ele era professor na Base, mestiço, filho de comerciante português e mãe angolana. Considerando os elementos simbólicos apresentados nesse enunciado (“talvez”, professor, português, angolana), construa uma resposta que mostre essa situação hipotética de forma positiva.
